

REVISTA DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO

ANO ... 1440 || ESTRANGEIRO
SEMESTRE ... 570 || ANO 3400

NÚMERO AVULSO 6 CENTAVOS

ANO III

LISBOA, 5 DE SETEMBRO DE 1918

N.º 53

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegovaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

O SEGUNDO CONGRESSO DA SERRA DA ESTRELA

OS SEUS EFEITOS PRATICOS—O PAPEL DA SOCIEDADE DE PROPAGANDA DA SERRA DA ESTRELA

REVISTE-SE de um brilho desusado o segundo congresso da Serra da Estrela, que teve lugar em 25 do mez passado.

Em plena serra, entre os rochedos, sob um vasto toldo, reuniram-se os congressistas, acudindo à voz potente da Sociedade de Propaganda da Serra da Estrela.

Perdeu-se pouco em discursos; ganhou-se muito em resoluções praticas, e de efeito immediato.

E' vulgar verem-se congressos que não são mais do que simples pretextos para fazer oratoria, e largarem-se rajadas de plantalias, que raramente se tornam em leves sombras de realidade.

No congresso dos *serranos* pôz-se a retorica de parte e foi-se direito às resoluções praticas.

A' hora marcada, toda a gente tomou o seu lugar, com a fé d'um dever que ia a cumprir. Ninguém se deteve com preambulos. O presidente da mesa annunciou aberta a sessão; o secretario leu o expediente e as adesões, que não destoaram do desejo de todos: fazer obra proveitosa. E—coisa rara em sessões de tal natureza—todos estavam de accordo, e a discussão visou só a esclarecer, e não a contrariar.

O relatório da junta aprovou-se sem discussão, e entrou-se na apreciação dos trabalhos.

Dois propostas appareceram envia-

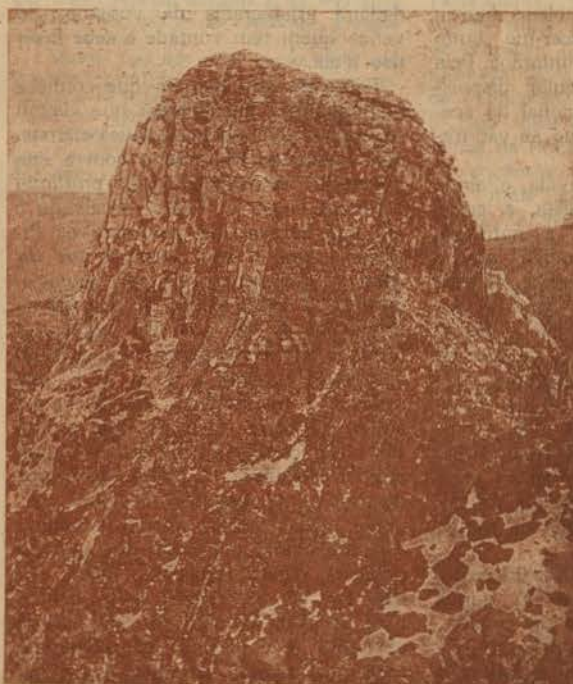
da origem que deu á nossa nacionalidade. O local era assim escolhido por ser Folgoso a terra natal do famoso batalhador.

Outra proposta, não menos digna de aplauso, foi a da erecção da estatua na «Lusitania», que o congresso aprovou por aclamação, para ir ocupar o alto da torre, que se eleva no ponto mais alto da Serra, ou seja a parte cimeira de Portugal.—A mãe Lusitania contemplando d'alto os seus filhos queridos! Depois da sessão seguiu-se o jantar, findo o qual se organisou uma caravana para os Cantaros que foi pernoitar ao Vale das Eguas e que era composta dos srs. Pedro Botto Machado, Olde-miro Cezar, A. Moura, Ernest Rush, Alferes João da Mota e Guerra Maio.

Na segunda-feira, realisou-se em Gouveia, no theatro Herminio, um espectáculo de homenagem aos congressistas, em que tomou parte o rancho dos *serranitos*, habilmente ensaiado pelo distincto maestro sr. Padre Antero da Silva Pereira, que foi delirantemente aplaudido.

Seguidamente exhibiu-se o *film* da Serra da Estrela, causando um espantoso entusiasmo nos assistentes, e tão grande ele foi, que teve de ser exibido duas vezes.

Fechou o espectáculo o *orfeon*, organizado pelo sr. Padre Antero, que agradeceu em extremo.



CANTARO MAGRO ALTURA 300 METROS
ALTITUDE 1910 METROS

das pelo velho amigo da Serra, o Dr. Costa Real, para que n'um pinheiro da montanha que olha para Folgoso, fosse collocada a estatua de Viriato, como homenagem ao famoso serrano,

A comissão nomeada para tratar junto do governo e do parlamento, do caminho de ferro Louzã-Gouveia, ficou

composta da Comissão Executiva da S. P. S. E. e dos srs. Pedro Ramos de Paiva e Guerra Maio, podendo agregar a si todos os elementos que julgar convenientes.

porque é para o amanhã da nossa patria que trabalhamos, para um Portugal novo e remoçado. O passado é uma sombra longínqua e as sombras também são interessantes. Mas os encantos que o futuro nos reserva são ainda maiores, mais intensos e mais nobres.

Sou, certamente, um dos portugueses mais viajados. Nos paizes que visitei, por mais atrahentes e por maior que fosse a minha admiração, pela sua cultura e pelos seus progressos, moraes e materiaes, nem um instante sequer esqueci a minha terra. E nos meus sonhos, de idealista incorrigível, entrevia-a tão grande e tão respeitada como aquelas que percorrêra. Quantas coisas temos que os outros não possuem. Ao nosso patriotismo impõe-se a tarefa de as utilisarmos e de as valorisarmos.

Em nome, e como presidente do Conselho de Turismo, em nome e como presidente da Sociedade Propaganda de Portugal, trago-vos a cooperação sincera, dedicada e leal d'estas duas prestantes colectividades. Saúdo os congressistas e as damas gentilíssimas que tanto contribuem, com a sua presença, para o brilhantismo d'esta reunião e aclamo, reconhecido, a benemerita *Sociedade da Propaganda da Serra* que deve sentir-se jubilosa em constatar o afan com que individuos de diversas regiões acudiram ao seu chamamento. E' um triumpho para o paiz, porque, sem o parecer, este congresso pode bem considerar-se um acontecimento nacional. Especialmente me apraz dirigir os meus emboras ao digno presidente da direcção da Sociedade, Pedro Boto Machado, um raro entre os raros, quasi poderíamos dizer unico, a quem Gouveia tanto deve, e que na America rivalisaria com os Carnegie e os Rockefeller, e aos seus infatigaveis e dedicadissimos colaboradores, Lino Coelho, Ramos de Paiva, Martins Ribeiro e dr. Albino Filipe, o qual, não sendo membro da direcção, se pôde, todavia, considerar como tal.

Ponho todas as minhas esperanças e toda a minha confiança na iniciativa individual e na iniciativa regional. E' da conjugação d'estes dois factores que ha de resultar o Portugal economico. Regionalismo e patriotismo são sinonimos. Temos vivido demasiadamente nas arcadas do Terreiro do Paço e carecemos de viver no paiz, averiguando das suas necessidades, e para o paiz, por uma compreensão nitida do que nos cumpre fazer. E só pelo regionalismo poderemos atingir a desejada nacionalisação da nossa vida social.

O problema da Serra da Estrela

O PENSAMENTO DO CONGRESSO

(PALAVRAS PROFERIDAS NA GRANDE ASSEMBLEIA, PELO PRESIDENTE DO CONSELHO DE TURISMO E DA PROPAGANDA DE PORTUGAL O DR. MAGALHÃES DE LIMA)

SENHORAS E SENHORES!

TENHO assistido, por esse mundo fóra, a muitos congressos — scientificos, literarios, artisticos e até me recordo que n'um congresso pacifista que se realizou, em Genebra, encontrei o grande amigo da Serra, aqui presente, Ramos de Paiva. Mas nenhuma d'essas assembleias logrou encantar-me e enternecer-me tanto como esta. Porquê, perguntarão? Pela originalidade? Pela singular disposição? Pela beleza excepcional do scenario? Pelos assuntos que se vão tratar?

Por tudo isso, sem duvida, e, ainda por que sou um panteista, e, como tal, um otimista. Amo a natureza, como mãe fecunda e prodiga; amo o mar, a montanha e a floresta, os seus tres principaes aspectos. Amo as flores, as arvores que nos dão o fructo e a sombra, as arvores, os troncos bemditos, os troncos sagrados dos druidas; amo as fontes, no seu eterno murmurio cristalino, e as aves debruçando-se nas ramadas. E creio. Creio na sciencia, creio no trabalho; creio na arte; creio nos progressos da minha patria e nos destinos da minha raça.

Eis o motivo do meu arrebatamento. Em trabalhos d'esta ordem, nunca indago se somos muitos ou poucos. E aqui respondo ao meu dileto amigo, Guerra Maio. O essencial é estarmos ligados, unidos, identificados, fundidos pelo mesmo pensamento, pelo mesmo sentimento e pela mesma vontade: — o pensamento do bem fazer; o sentimento do dever cumprido e do dever a cumprir; e a vontade firme e inabalavel de vencer quaesquer que sejam os obstaculos que se oponham á nossa marcha. O famoso poeta o disse:

Se fôrmos mil, eu serei um dos mil; se fôrmos cem, serei um dos cem; se não houver senão dez, serei um dos dez; e senão houver senão um, serei esse unico.

Acima da aristocracia do sangue, acima da aristocracia do dinheiro, acima da aristocracia do talento, ha a aristocracia da vontade. E' essa a verdadeira aristocracia da vontade. Só vence quem tem vontade e sabe fazer uso d'ela.

Fala-vos um homem que conhece a montanha, um homem que visitou os Alpes, com as suas neves eternas, que subiu ao Rigi-Kulm, com a sua vegetação luxuriante, em profundo contraste com o Pilate, escaldado e nú; um homem que percorreu os Pireneus, com o seu adoravel *pic du Midi* e que peregrinou pela Escocia, através o verde negro da sua eterna primavera. E não nos fala, como autoridade que a vós pertence, mas como um esteta a quem a Serra da Estrela seduziu e magnetizou. Não basta ser amigo da Serra: é mister amal-a, pensar n'ela, como se pôde pensar n'uma mulher idolatrada. E n'esta paixão vos demonstro o meu incondicional concurso. Duas coisas apenas lamento: é o abandono, por parte dos poderes publicos, d'este riquissimo filão, e o não ter eu descoberto mais cedo o meu adoravel paraizo em que o corpo se refaz e o espirito se retempera, como se tivesse emergido n'um banho de luz.

Os veteranos, quando relatam os seus feitos, referem-se sempre ao dia de hontem, ao passado, que procuram fazer reviver. Recordar, n'este caso, é resuscitar.

Eu, apesar de veterano, olho para o futuro com a mesma fé, com que os reis magos fixavam a estrela d'alva,

apresenta-se-nos, sob diversos aspectos: o aspecto turístico, o aspecto económico, o aspecto botânico, o aspecto hidrográfico, o aspecto climático, etc. Sob o ponto de vista do turismo, o alpinismo tornar-se-ha uma fonte de atracção para o estrangeiro. Propozem o sr. Antonio Corte Real e Hippolyto Raposo a erecção de um monumento a Viriato, o heroe da independencia lusitana. E' o culto da patria. O sr. Faure propoz, por sua vez, que se prestasse uma carinhosa homenagem a Emidio Navarro com um medalhão em bronze. Cabe-me a mim o infinito prazer de propôr que se perpetue de qualquer modo a memoria do illustre homem de sciencia, o dr. Souza Martins, que foi um dos principaes propagandistas da construcção de sanatorios para tuberculosos. Ainda não ha muitos dias que um outro notavel homem de sciencia, o dr. Julio Augusto Henriques percorreu a Serra a pé, apesar dos seus oitenta anos, n'uma missão botânica.

No que diz respeito á hidrografia, bastará dizer que a Camara municipal de Coimbra fechou o seu contrato com a Empresa electrica da Serra, para aproveitamento das aguas da Lagoa Comprida, como energia electrica, destinada a iluminar a linda cidade do Mondego.

Não é só a beleza heroica da Serra que me seduz; é tambem a sua riqueza economica que seria criminoso não aproveitar. Qualquer que seja o ponto de vista pelo qual encaremos a Serra, é immenso o campo de acção que se abre deante de nós. N'uma visão branca, entrevejo a linda região cortada de linhas ferreas em todas as direcções, povoada de hotéis confortaveis e regada pelo ouro estrangeiro. E' um sonho? Não o será certamente se soubermos preparar-nos para a paz. Vejam o que faz o inimigo. Apesar do ardor consumido nos campos de batalha, não descuro o seu futuro turístico, a que tanto monta dizer o seu futuro economico. A victoria dos aliados de que resultará a victoria da democracia, impõe-nos deveres que podemos chamar de honra. A' nossa participação na guerra, que constitue a mais bela pagina da historia portuguesa, correspondem direitos sagrados.

Faço votos, por que a *Sociedade da Propaganda da Serra*, essa destemida ala de namorados, se transforme, a breve trecho, em formidavel legião. Pelo meu lado, considero-me, desde hoje, com praça assente, no intrepido batalhão. Resta-me apenas, fazer a continencia do estylo e pôr-me em marcha, para a realisação do ideal sonhado.

O TURISMO EM PORTUGAL UM QUADRO... VERDADEIRO

A proposito do recente congresso da Serra da Estrela, o jornal citadino «A Capital» publicou, devido á pena d'um seu brilhante redactor, um artigo que não é só interessante na forma, como curiosissimo pela fidelidade com que aprecia o turismo em Portugal e, ainda, pelo quadro que a sua descripção representa.

Poderíamos dizer tanto... mais ainda, se a nossa missão não fosse precisamente a de tentar uma geral modificação no nosso organismo social, animando, com a perseverança de que damos exemplo, os que se acham desorientados, incitando os que se mostram dispostos a coadjuvar-nos e, principalmente, acordando aqueles a quem uma coisa inexplicavel — e que mal se pode traduzir, tem conduzido, pelas naturaes consequencias d'essa crise, a um estado verdadeiramente deploravel de comodismo, inação ou de relaxamento. E, sem duvida, a nossa auctoridade seria reconhecida e bastante para pôr-mos a nu todas as mazelas que tentam corroer o esqueleto da preciosa industria de turismo.

Preferimos, porem — e enquanto a descrença não nos invadir, encobrir tudo quanto possa confirmar a phrase que tantas vezes temos ouvido — que n'este Paiz não pode haver turismo, e continuar na nossa senda através todos os obstaculos e todas as contrariedades que se nos anteponham, tanto mais que elas poderão já ser superiores ás que temos vencido durante estes tres anos de trabalhos, que só nós podemos, francamente, avaliar.

Todavia, isto não obsta a que — até com desvanecimento pelas phrases que nos são dirigidas e pelas quaes aqui consignamos os nossos agradecimentos reconhecidos, demos goslosamente guarida a esse artigo, que é mais um valioso documento a juntar aos muitos que se acham já archivados nas columnas d'esta Revista.

J. L.

«Devia ter-se inaugurado hontem o 2.º Congresso de Turismo. Na Serra da Estrela, — em cujos trechos muitos contemplam embevecidamente paisagens alpinas — juntaram-se uma duzia (duas? talvez — não mais que duas) de homens, portugueses de alma, que adoradamente sabem olhar para os encantos da sua terra.

Nós, como a maior parte do publico, ignoravamos criminosamente este pequeno facto; uma noticia estreita entre a reportagem d'um crime em Belem e de uma tourada burlesca em Algés, pôe-nos, contudo, a par d'esse acto tão honroso e tão merecedor do apoio de todos nós. Mas, minutos depois de reconsideração, o entusiasmo, a sympathia por esse punhado de homens, revestiu o caracter de piedade e de dó.

Vimol-os cheios de fé, de amor patrio, pela decima segunda vez reunidos, para concluir que «Portugal tem muito a esperar do turismo», «tem

o seu futuro no turismo» e «deve enriquecer-se pelo turismo». Vemol-os sinceramente, dedicadamente, estudando, compondo dissertações e theses sobre a industria hoteleira, sobre os serviços de propaganda no paiz e no estrangeiro; ouvimol-os apelar para o amor patrio dos filhos d'esta terra protegida; chamar a atenção dos governos para as estradas, para os caminhos de ferro, para as facilidades de visita aos estranhos da terra. E, depois de tres ou quatro dias de sessão, é fechado o congresso, voltam todos a disseminar-se, cahindo na lucta isolada contra todo o indifferetismo, contra a preguiça, a rotina, a burocracia e a administração official.

Ora, quer essa meia duzia de patriotas, reunindo-se ambulante, nos mais belos pontos panoramicos do paiz, quer a iniciativa arrojada de particulares, como a que presentemente mais se encontra em foco, a da empresa Estoril, não veem na sua afincada fé, que Portugal, tendo todos os requisitos, pela natureza, para ser o paiz ideal do «turismo», fonte perenne da riqueza, porque é mais cheio de encantos e de espectaculos naturaes mais variados que a propria Suissa, é, pelos homens, pela educação e cultura da sua população, o paiz prototypo do «anti-turismo».

Esta animosidade contra o turismo, vem-lhe unicamente do Estado, do publico que viaja e do regional. O Estado, como, infelizmente para nós, tem a força das circumstancias, de mostrar-se um estado europeu, não olha seriamente para o turismo. A's vezes, para demonstrar muito boa vontade, omniscencia, mas muita falta de tempo, um ou outro ministro fala sobre a necessidade de desenvolver o turismo, o futuro do paiz nas estradas á macadam e nos hotéis recomendados, e promete (o prometer é da praxe sempre que um ministro fala). Ora na Suissa, exemplo sempre apontado, o caso é diferente; o Estado, porque tem delimitado o seu campo de acção, e as nações em volta lhe marcaram as attribuições, os deveres e a maneira de se portar no convívio elegante da Europa central, encontra-se quasi com a occupação d'um gerente d'um bom hotel ou d'uma casa d'hospedes: dedicar-se á propaganda, servir bem os

forasteiros, arranjar, limpar do pó as belezas, que são o chamariz dos freguezes, enfim, dedicar-se ao turismo no alto grau que ele atinge no patriotismo e na economia d'uma nação.



SERRA DA ESTRELA—POÇO DO INFERNO

Em Portugal o «turismo» para o Estado é uma diversão de ricos e um sonho de meia dúzia de bem intencionados, mas que não vale uma reforma de serviços administrativos, uma lei regulando qualquer colónia longínqua, ou um decreto suspendendo as garantias.

Para atentar no interesse que lá por cima se dá às coisas de turismo, basta dizer que, publicando-se em Portugal uma revista dedicada ao turismo, construída sob o esforço de dois ou tres portugueses de lei, feita de sacrificios e de dedicações, nunca, apesar dos apelos dirigidos às entidades officiaes, recebeu um patrocínio, um volver de olhos ou de amparo.

Das câmaras municipaes, a que se dirigiu, mostrando as vantagens d'uma propaganda ilustrada das diferentes estancias da sua zona administrativa, raros incentivos recebeu. Em Portugal ha uma «Revista de Turismo», uma só. Ninguém a conhece, nem pretende conhecer. No estrangeiro ha dezenas, encontram-se sobre todas as mesas dos hotéis, dos restaurantes, dos clubs. Atrahem e indicam; prendem a atenção e servem patrioticamente a nação a que pertencem; e, quasi todos os governos, os casinos, as empresas thermaes, as sociedades hoteleiras, protegem e amparam esses órgãos officiaes do verdadeiro turismo.

Aquí, repetimos, em tudo, se esbarra com o indiferentismo e a inercia nacionaes.

Se do Estado e do publico, o «turismo» recebe este debil acolhimento e, portanto, como factores do seu pro-

gresso são de valor nullo, o natural, contribue negativamente para atrahir o turista. Nada ha que mais console um viajante do que uma boa canja, seja ela grossa e azeitada n'um prato de

louça grosseira, ou adelgada e diminuta no melhor hotel da melhor cidade; mas se essa canja é dada com um claro sorriso, vale mais para a propaganda do turismo do paiz do que os melhores artigos d'um Baedeker. Ora os portugueses não sabem sorrir; desconfiam; desconfiando não são tão lhamente hospitaleiros

mercante tratando do seu negocio; é amável, cortez e sorri. Ora o portuguez não vê, nem comprehende ainda, que seja preciso sorrir e agradar ao intruso de pele de urso e olhos de imensos vidros, com senhoras altas e magras, que surge um dia entre nuvens de pó, fazendo fugir espavoridas as galinhas e ladrar os cães na pacata aldeola onde nasceu. Por isso não sorri, enfada-se e é desabridamente grosseiro e portuguez.

Influe, também, indubitavelmente, caso, a cultura geral do portuguez; n'este longe iriamos se quizessemos entrar na educação escassa e na preparação minguada do nosso povo. Todos nós sabemos como vamos atraz dos povos civilizados e como, de dia para dia, nos vamos atrazando mais. Não pode, portanto, conjugar-se este facto, verificado tão sensivelmente, com as boas e nobres intenções dos portugue-



VISTA GERAL DE GOUVEIA

como, embora, apenas, na mascara, o são os naturaes da Suissa ou da França que se mostra ao estrangeiro. Talvez também pela mesma razão apontada para o Estado — a necessidade e o desejo de captivar não seja em nós natural. A Suissa faz relógios e queijo, mas a sua capital vida é a apresentação das suas belezas; é o seu commercio, a sua industria, o seu lucro, a sua riqueza; um suiso falando com um turista, não é mais do que um co-



SERRA DA ESTRELA—GRANDE DIQUE DA LAGOA COMPRIDA, EM CONSTRUÇÃO

zes ilustrados que se esforçam por reduplicar o turismo na nossa linda

terra. Quando muito, se o nível da cultura mediana do nosso português, de natureza desconfiada e bulhento não se elevar, seremos um povo, sim, muito visitado e muito estudado pelo estrangeiro destemido, mas como exemplar de povo inculto, espécie de bicho contido n'uma zona estreita da Europa, que não tem estradas, nem hotéis, nem vias de comunicação fáceis, nem segurança individual, nem estatísticas, nem recursos, e que se visita de lenço no nariz e com um seguro de vida n'uma companhia estrangeira.

Mas não; não chegaremos a esse extremo. Na Serra da Estrela, onde no mais alto pinheiro gelado, vai ser erguida uma estatua a Viriato—o fundador do turismo em Portugal—estão reunidos alguns bons portugueses, amando estremeidamente as belezas da sua terra, espíritos civilizados e cultos que tudo farão para levantar a fama da sua pátria. A sua acção modesta não ficará inútil: a sua fé prevalecerá; para o ano voltarão à carga, e, um dia, visto que todas as boas sementes fructificam, o seu esforço verá esboroar-se o bloco indiferente que hoje inabalavelmente se lhe antepõe. É rude a tarefa. Há a despertar outras vontades, quasi 8 milhões de consciências adormecidas, matar o dragão burocrático que vela

e ensinar um povo a receber dignamente. É muito, mas com a fé e a vontade dos que lá estão no alto da

proximo isso se conseguirá. Certamente. Infalivelmente.

A. F. >



MANTEIGAS—VISTA GERAL



SERRA DA ESTRELA—LAGOA DO CANTARO

PAISAGENS PORTUGUEZAS

A SERRA DA ESTRELA

A Serra da Estrela está para mim sob trez fortes emoções, e tão elevadas que me deixaram n'um estado de comoção ao admirar-lhe a sua grandeza. São elas: A estrada de Valezim sobre o Alva, o Frágão do Corvo, e o Cantaro Magro.

Eu já, em abril, sob um céu cinzento de neve, estacára de admiração ante taes maravilhas; mas só agora, de regresso de uma nova viagem, é que posso dizer alguma coisa, ao de leve, da nossa mais alta montanha, mesmo porque a Serra não se descreve, é preciso vê-la, é preciso senti-la.

E assim, não foi sem alegria que, deixei a capital sob os abrasados calores de Agosto para ir numa fugida de uns dias até á super-maravilha dos Cantaros, e á paisagem deliciosa de Manteigas sob o Frágão do Corvo, no fundo do seu estreito vale.

Tinha por companheiros, Magalhães Lima e Oldemiro Cezar.

O comboio ronceiro da Beira Alta



CEIA—VISTA GERAL

Serra da Estrela, mais longe ou mais

á porta da linda «Iniciativa» para a não deixar acordar, interessar o Estado

gemia com uma lentidão esfalfada quando, entre os pinheiros da Beira, se nos descortinou a Serra bem dita, na sua nudez descarnada e bruta.

Os montes Herminios estendiam-se na nossa vista, pesados e maciços, com as suas povoações aninhadas nas encostas, refulgindo entre verduras ao sol que tombava deixando diaphinidades de ouro nas colinas e um silencio bucolico no fundo dos vales, onde o fumo dos caseas começava a elevar-se, como elegias de sombra ao céu ardente.

A um canto do nosso compartimento, um inglez hirtio como um pinheiro e a madama, palida como os nardos, cochichavam na lingua patria, deitando olhares atentos aos nossos louvores, á *terra mater*.

Para onde iam os inglezes? interrogavamos-nos a nós, mesmo, — n'aquella despreocupação de fatos brancos!

Não conseguimos saber.

Em Cantenças eramos esperados pelo sr. Pedro Botto Machado e pelo seu excelente *Adler*, para nos levar a Gouveia, primeira detença da nossa jornada.

Meia hora depois, toda florida e ri-sonha, abria-nos as suas portas a *Vila America*, uma vivenda vasta e sempre perfumada por uma larga horta onde a videira, cantando hynos pantheistas se enlaça na roseira sempre florida.

Depois do jantar, senhorialmente pingue, abandonamo-nos n'umas cadeiras de verga, na vasta varanda sobre o poente, onde o sol morria para além do Caramulo, e do Bussaco, e a vista se nos amortecia no immenso horizonte de um céu estrelado.

A vila de Gouveia, não tem aquele aspecto decrepito de tantas outras da Beira, onde não ha vida, e é tudo um passado.

As fabricas com as suas noras gigantes girando com lentidão, occupam grande parte da vila, que se amontôa, com um desespero, n'uma ancia de marcar um lugar. As casas fidalgas — e bastantes são — caminham para a velhice, sem rugas nem derrocadas, como aquellas damas da nobresa antiga, que ao esbranquiçar-lhe a cabeça, louvavam o Senhor, por já não lhes ser preciso empoar os cabelos, para ir ás festas do Paço.

Gouveia é das terras mais prosperas do nosso paiz. A vastidão das suas fabricas, a rasgada iniciativa dos seus filhos, teem-na elevado, teem-na engrandecido. E até como centro de turismo, vae ter o seu papel, pois além

de ser o inicio das excursões da Serra, possuirá uma estação de repouso, que Pedro Botto Machado está construindo no seu Farvão, ao cimo da vila, e d'onde a vista se alarga em contemplações bucolicas.

Eram 9 horas da manhã, quando partimos para a Serra. O nosso *Adler*, galgava pela encosta, deixando-nos sempre crescente um horizonte vasto e matisado de cor. E á medida que se aproximava de Alfátima, onde um rochedo empinado sobre a estrada forma, com um nariz adunco e umas largas suissas de granito, uma perfeita cara de velho que parece sorrir á nossa passagem, mais essa paisagem se dilatava, mais se engrandecia.

Uma hora de extasiantes contemplações, e chegamos ao observatorio da Serra da Estrela, onde braços amigos nos acolhem. São eles, entre outros, Pedro Ramos de Paiva, um serrano de 30 anos de permanencia na Serra, e Victor Marques da Fonseca, outro serrano audaz e trabalhador pelo idial da Serra.

Terminado o congresso, organisou-se uma caravana, para irmos pernoitar proximo dos Cantaros para pela manhã, ao cantar da calhanda nos içarmos para o ponto mais alto de velha Lusitania.

Juntara-se-nos o inglez do comboio, que nunca mais deixou de louvar a nossa terra, e a nossa Serra. Vivera 16 anos na Serra Morena e no Guadarrama, mas a nossa Estrela, valia mais, muito mais afirmava ele, com uma convicção forte.

No Vale das Eguas, armou-se a barraca. Em roda acamparam os machos, os guias, e os cães. Dormimos um sono fecundo e reparador, até que alta madrugada os cães deram signal que se aproximava alguém. Seria o lobo? Os guias chamavam, abafavam os latidos, ali havia gente.

— Chega aqui Alfátima. P'ra qui Ronca. Readormecemos, até que o guia, veio anunciar ás nossas excelencias, que estava a manhã a romper.

Levantamo-nos todos d'um salto. E foi-nos dado admirar uma das paisagens mais belas, que a Mãe Natura nos podia oferecer.

O céu tornara-se pardo, as estrelas maiores, mais brancas, pareciam querer descer para nós, o horizonte vermelho como a alegria, grandioso como a victoria, vinha para nós cantando um hino de luz; uma aragem aguda como uma lamina, trazia-nos uma sensação nova, uma vivacidade moça.

Partimos. Pouco a pouco foi aparecendo a gigantesca massa de granito que forma o Cantaro Gordo, e uma

hora andada chegavamos aos Barros Vermelhos, onde a Sociedade de Propaganda da Serra da Estrela, vae promover a construcção de um hotel.

O local é ameno e o ar que nos arrepiava a face cedeu a um ambiente macio, enquanto a alma se dilatava em contemplações ante a maravilha granitica que cerca a lagão do Paixão, e que mais além abraça a Lagoa Comprida, onde a engenharia moderna fez construir um dique para reter as águas que hão de, nos calores de julho e agosto, fazer mover a enorme turbina da central electrica da Senhora do Desterro.

A caravana caminhava lentamente; e a cada passada dos machos a firmarem-se n'uma pedra solta, e que nos fazia antever o precipicio, o nosso guia, socegava: Deixe andar meu senhor, o gado é seguro!

Subimos ao alto dos Barros Vermelhos, donde o Covão de Loriga, como um abismo, se avista enorme e profundo rasgando a montanha e a atravez d'ele, nos salta, dentre as montanhas alem ao fundo a antiga vila de Avô, dando uma beleza nova á asperesa d'aquelles recortes graniticos.

O Sol já alto, começou a aparecer, o guia mór, o sr. Cardoso, um serrano philantropico, levou-nos á fonte da Velha Paiva, uma pequena nascente, onde a agua enchia um tanque, pequeno e estreito.

O guia mergulhou um copo depois de ter afastado uns limos da agua, onde o sol batia em cheio, e ofereceu. Botto Machado levou o copo á boca, bebeu um gole e estacou. A agua saberia mal? pensamos. Não, estava gelada!

Todos quizeram provar, ninguém conseguiu esvasiar a pequena vasilha.

Picámos para a torre da Estrela, onde o digno guia, cuidando nos nossos estomagos, lembrou que era tempo do pequeno almoço. D'ali ao Cantaro Magro ainda era longe, e o almoço só depois do meio dia o teriamos na Fonte do Pires ou mais alem. A cautela era a melhor garantia na Serra.

Estavamos no ponto mais alto de Portugal, tinhamos sobre o mar 1.991 metros, e ao contrario do que esperavamos não tinhamos d'ali um vasto panorama, onde a vista se perdesse na confusão de centenas de leguas, mas somente montanhas sobre montanhas, onde a nota humana era viva apenas nos pastores de grosso cajado e de capa ao hombro, de grosso borel.

Descemos pela Rua dos Mercadores, cujos fardos, que deram lugar ao nome, são de grossos malotes de granito, e os freguezes eramos nós, pobres caminheiros, já sem montadas porque

o guia-mór, os mandara ficar, pois o piso era só para peões.

Com mil e um cuidados, chegámos ao fim da rua estreita, que a Natureza n'um dos seus arrancos formidáveis, fez abrir, para nos dar passagem até ao Cantaro, maravilha de todas as maravilhas, grandeza de todas as grandezas.

O Cantaro Magro, um bloco de granito aspero e bruto, eleva-se a 300 metros do fundo dum apertado vale, onde o Zezere, nasce e começa a sua viagem laboriosa de arremeter sobre os penedos n'uma furia de conquista. Tem a vaga forma d'um cantaro bojudo e por isso o povo na sua linguagem de semelhança, o assim o julgou.

Os photographos teem ali ido com os mais perfectos aparelhos de reprodução mas o que lhe aparece na chapa, é uma fraca imagem da grandeza d'aquela baluarte de pedra; e por mais esforço que façam, por melhores aspectos que lhe procurem, não lhe fica mais, que um miseravel e mesquinho bloco de pedra á beira d'um arroio.

Mas essa forma bruta de gigante, ao empinar-se ao Ceu, deixou nos abismos da sua estrutura, uns pequenos degraus, para que o homem forte e sem vertigens, possa subir até ao cimo, mostrando que a vida não lhe serve mais que para esses lances de audacia e de valentia.

Muitos lá teem ido, alguns lá teem ficado, e até as cabras nas suas habituaes subidas ás mais escarpadas penedias, teem ousado lá subir, mas algumas tem rolado no precipicio medonho que tem por fim o leito aspero do Zezere.

Voltamos, o almoço esperava junto ao Chafariz d'El-Rei, onde sem fastio e á sombra d'um rochedo nos refestelamos como o caso requeria.

Cabe agora aqui duas palavras de louvor aos guias. São os auxiliares dos turistas mais simpáticos que conheço. Educados, sem serem servis, correctos sem exageros de palavras, sobrios por dignidade e por condição.

Dão-nos o almoço, e só se servem a eles depois de nós acabar-mos, sendo inúteis antes d'isso todos os oferecimentos. Quando a gente vae a cavallo, eles alheiam-se completamente de nós, bem seguros estão das montadas, mas quando caminhamos por desfiladeiros ou por precipícios, acercam-se e todos eles são cuidados, e atenções. Falam pouco, trabalham muito. Não esperam gorgeta, contentam-se com o jornal.

Depois firmes e resolutos. O guia-

mór da nossa caravana, o sr. Cardoso, de Manteigas, é um valente e um pratico com 35 anos de Serra — Nunca, disse ele com convicção, deixei ninguém em perigo, e até uma vez que me vieram chamar a casa n'uma noite de temporal, que estava um homem cahido sob a neve, eu fui por uma escuridão de pês á procura d'ele e trouxe-o quasi sem vida. Valeu-me uma pneumonia e da ultima rainha uma pensão de dois tostões por dia, que se foi com a monarquia. E, proseguiu o homem, era pouco mas fazia-me arranjo.

A' volta do Observatorio da Serra, não foi sem saudade que contemplei os montes e as barrocas, que eu vira em abril ultimo cheios de neve, e por onde agora corriam mansamente alegres fios de agua.

E reportando-me a essa viagem deliciosa, recordei, com a maior delicia. O passeio ao Poço do Inferno, no magnifico *Adler* de Botto Machado que, só pela estrada que sete vezes se avista descendo na mesma encosta, para vencer os 750 metros de diferença do nivel que separa Manteigas do Observatorio, vale a ida lá.

Manteigas ao fundo do apertado vale do Zezere, oferece-se-nos na descida em varios aspectos, qual d'eles o mais risonho, qual d'eles o mais pantheista.

Passada a villa, uma estrada dos florestaes encarrapita-se pela encosta fronteira, ao Poço do Inferno, onde a agua cahindo de altas cascatas, em estrondos sonorosos, forma um perfeito Belo-Horivel.

Tenho visto em estampas baratas, com o favoritismo da photographia essas cascatas de importação de telas de oleographia fanqueira, mas nenhuma se compara á beleza aspera d'aquella maravilha.

Outra paisagem que recorde agora com saudade, é aquella estrada que de Ceia, vae pelo vale do Alva a Varlezim.

Ceia, é uma vila garrida e verde, lembra uma pastora em dia de romaria. S. Romão mais sereno, faz-nos lembrar as paginas romanticas de Silva Gayo, enquanto a vista nos foge a contemplar o presbiterio derrocado ao fundo da vila.

A Senhora do Desterro ao lado, com as suas nove capelas, e o arvorendo antigo, que atrae em massa os festeiros avidos de devoção e gastronomia, é um retiro recatado para o silencio d'uma temporada de repouso, e em cima a Cabeça da Velha, caprichosa mascara de granito, faz-nos lembrar uma avó vetusta e rabugenta.

Mas quando em auto; nos dirigiamos a Valezim, a mutação rapida do scenario, que transforma um terreno monotono n'uma tela maravilhosa ao desenrolar-se pela estrada sobre o Alva, é tão tocante que não ha senographo por mais habil e artista que no-lo faça mais rapido e mais perfeito.

Uma senhora ingleza, que ali passou ha mezes, ficou tão impressionada que achou a Suissa mesquinha ao pé d'aquella vale estreito e sinistramente verde,

A estrada, coleando a margem do Alva, entre desfiladeiros fortemente cavados, alcatifados de urzes é guardado por pinheiros esguios e solitarios, como guerreiros taciturnos desterrados n'um exilio.

Só de longe a longe uma casinha branca quebra o verde-sujo da paisagem, ou algum rebanho, acorda o vale entre a guarda fiel do molossos seranos de grossas coleiras de altos e agudos picos.

Antes de regressarmos da Serra, quisemos mais uma vez ir ao Frágão do Corvo, que deve ser para quem sobe á Estrela, o beijo de despedida.

Manteigas, aninhada a 750 metros abaixo de nós, no vale, estreito e apertado, parece pousada no fundo d'uma tigela, os pequenos campos verdes e cultivados que a rodeiam dão-lhe aquele relevo, das paisagens suissas que emolduram de silencio e de verdura as aldeias e d'onde parece exalar-se uma grande paz, essa tão santa paz que na nossa primeira serra se respira.

GUERRA MAIO.

Notas do Congresso

O congresso, como dissemos, no numero anterior, teve lugar no alto da Serra a 1.600 metros de altitude no Corgo da Móz, onde se estabelecera um serviço de bufete, e varias tendas para quem quizesse descansar.

A concorrência foi numerosa, não só de Gouveia, mas de Manteigas, da Covilhã, de Ceia, de Nelas, e de muitas outras terras das imediações.

O acesso foi feito alem de muitos automoveis particulares e de aluguer, por um caminhão-automovel da casa Botto Machado, de Gouveia, e que de cada vez levava 30 pessoas. Isto

áparte a gente que para lá foi a cavallo das povoações mais próximas do local do congresso.

Muitas senhoras acompanharam os congressistas, dando a assistência um tom garrido e alegre; e á tarde, depois da sessão, a Serra povoada de senhoras e crianças tinha um aspecto de graça e de beleza que contrastava flagrantemente com o tom aspero e concentrado dos penedos e das urzes.

A sessão foi presidida pelo sr. Dr. Albino da Cruz Filipe, na ausencia do presidente da assembleia geral, e secretariado pelo sr. Victor Marques da

o caminho de ferro da Serra, ou seja o prolongamento do da Louzã a Arganil á linha da Beira Alta, passando por Ceia e Gouveia, sendo aprovado por aclamação, tendo-se recebido adesões importantes, entre as quaes, uma ha e de alto valor, a da Companhia do Caminho de Ferro do Mondego, concessionaria da linha Coimbra-Louzã-Arganil.

Em artigo especial, no proximo numero trataremos d'essa these, pela qual se analisará a importancia turistica do traçado.

Uma comissão ficou nomeada para, logo que se abra o parlamento, vir junto do governo solicitar a construcção da linha, e a essa comissão associar-se-ha todos os interessados, que

executiva aos seus convidados que teve logar n'um local extremamente pitoresco junto a uma fonte de deliciosa agua, e que decorreu no meio da maior animação, trocando-se brindes muito affectuosos.

O "Hotel Viriato," de Gouveia

A convite do sr. Eduardo Lopes da Costa, proprietario do novo hotel de Gouveia, a que nos referimos no ultimo numero, foi ali no regresso da Serra, fazer uma visita, o Conselho de Turismo, que estava representado pelo seu presidente, a junta executiva da Sociedade de Propaganda da Serra da Estrela, *O Seculo* e a *Revista de Turismo* representados pelos seus enviados especiaes ao Congresso da Serra.

A visita foi demorada, pois em todas as dependencias do hotel houve compassos de espera, em que foram tecidos os maiores louvores ao sr. Lopes da Costa pela sua iniciativa arrojada e patriótica, de dotar Gouveia com um hotel moderno.

Os quartos são espaçosos e bem estucados, todos com luz directa, e a casa de jantar—duas amplas salas, que podem ser transformadas, quando haja necessidade em dois salões de festas—tem quatro amplas janelas por onde a luz e o ar da serra entram a jorros.

No primeiro andar, alem da sala de jantar ficam instaladas a sala de visitas, varios quartos, espaçosos e alegres onde cabem duas camas, quarto de banho com tina esmaltada, retrete das mais modernas etc.

No segundo andar ha outros quartos mais modestos, mas tambem confortaveis, sendo tambem este andar dotado de uma retrete.

No rez-do-chão, junto ao vestibulo de entrada é a sala de leitura tambem muito ampla e bem disposta.

Todo o edificio é iluminado a electricidade.

Convidado o nosso redactor principal a dar o titulo ao hotel, e querendo ele prestar homenagem a um vulto pre-historico da nossa raça, baptisou-o com o nome de *Hotel Viriato*, que foi aplaudido por todos os circunstantes.

O novo hotel deve abrir ao publico em outubro proximo.



Fonseca, delegado da comarca de Ceia, e Antonio Ribeiro do Amaral.

VISTA DE S. ROMÃO

a avaliar pelas adesões ao congresso, são todos os povos servidos pela nova linha.

Estava terminado o congresso nada mais havia a tratar, toda a gente debandou, conscia d'um dever cumprido, mas não sem deixar um voto de louvor e de confiança, á junta executiva, da Sociedade de Propaganda da Serra, que é composta dos carolas mais arreigados e dos trabalhadores mais devotados que conhecemos, Pedro Botto Machado, Martins Ribeiro, Lino Martins Coelho e Dr. Albino Filipe.

Para eles tambem as nossas fervorosas homenagens.

O Hotel nos Barros Vermelhos, tambem mereceu a atenção do congresso, sendo aprovada a sua construcção n'um local abrigado dos ventos e dos temporaes, proximo dos Cantaros, objectivo de todas as excursões na montanha.

E como a Sociedade já conta com os capitães precisos para esse effeito, é de esperar que uma vez construida a estrada até áquele local, a sua consruição se effectua sem demora. Mas para obviar qualquer demora, o congresso pronunciou-se a favor da construcção d'um pavilhão abrigo, proximo ao local do hotel, e uma vez este construido pode ser utilizado para garage ou seu anexo.

Por fim discutiu-se, e largamente, a these do nosso redactor-principal sobre

Findo o congresso, realisou-se um jantar de honra, oferecido pela junta

maneira, tem favorecido o desenvolvimento d'essa apreciável forma de locomoção.

As quatro linhas transcontinentaes atravessarão todo o territorio da America do Norte, estabelecendo, assim, a ligação entre o Atlantico e o Pacifico. A mais septentrional d'elas—a linha *Chamete et Bell*, irá de Boston a Seattle, servindo as principaes cidades intermediarias. A nomeada *Woodrow Wilson* unirá directamente New-York a San Francisco, passando por Cleveland e Chicago.

A *Langley* partirá de Washington para terminar em Los Angeles. Por fim, a linha *Frères Wright* sahirá tambem de Washington; e depois de atravessar a Carolina do Norte, a Georgia, o Alabama, a Louiziana, o Texas, o Novo Mexico e o Arizona, chegará a San Diego, na California.

As tres linhas do litoral seguirão as costas americanas de Bangor a Key-West, d'este porto á embocadura do Rio Grande, sobre o Atlantico, e de Saint-Diego a Puget-Sound, no Pacifico.

Não obstante o grande incremento que a navegação aerea tem tomado, registando-se já os progressos do problema da aviação nas suas mais intrincadas manifestações, com prenuncios d'um exito absoluto, não existem ainda as cartas-pilotos que satisfaçam as necessidades d'esse novo e futuramente pratico meio de transporte. Os aviadores tem-se servido, até agora, das cartas militares, onde marcam a côres bem salientes, os principaes pontos para a *atterrissage* natural ou forçada.

A comissão de aeronautica civil internacional, instituida nos Estados Unidos da America sob os auspícios do Aéreo-Club, da Liga-Aérea e da Federação Aeronautica Panamericana, tem-se dedicado ao estudo do assumpto, tendo já traçado os planos para a elaboração d'uma carta aerea do mundo.

Este longo e minucioso trabalho realizar-se-ha com a cooperação das instituições scientificas dos paizes aliados interessados na navegação aerea.

Alguns representantes d'essa comissão acham-se presentemente na Europa, a fim de angariarem o maior nu-

mero possível de indicações e de elementos indispensaveis para a realização d'esse importantissimo trabalho, que incalculaveis beneficios vem trazer á nova industria de transportes.

Ao mesmo tempo, essa delegação procura resolver as suas impressões sobre os progressos no novo ramo de cartografia.

O Congresso convocado para a occasião da exposição d'aeronautica panamericana, que devia ter-se efectuado em New-York, de 16 a 23 de fevereiro ultimo, occupar-se-hia, sem duvida, d'esta grande empresa. Porém, esse congresso não poudé ter lugar em virtude d'uma disposição do presidente Wilson, que prohibiu, durante o estado de guerra, as exposições nos



EM VIDAGO—O monumental Palace-Hotel

Estados Unidos.

Isso não impede, todavia, que os estudos prosigam o seu natural curso, com tanto mais entusiasmo quanto mais perto se está pronunciando a oportunidade de se chegar á applicação pratica da incognita quasi resolvida.

LINHA DE CASCAES

PARECE que o horario de inverno da linha de Cascaes, será quasi igual ao de verão, mantendo-se assim um elevado numero de comboios.

Segundo nos consta, por esse motivo muitas familias que no inverno passado vieram para Lisboa ficarão ali a residir.

EXPEDIENTE

Em virtude da falta da electricidade que tem originado graves e numerosos transtornos á industria, de que as nossas officinas tem largamente partilhado, somos forçados a distribuir o presente numero com bastante atraso.

Nas thermas de S. Pedro do Sul

EM S. Pedro do Sul, está constituído um grupo de capitalistas, com o sr. Sebastião Rodrigues Pereira á frente, para a construcção de um hotel moderno nas Thermas de S. Pedro do Sul.

Segundo nos informam, esse grupo dispõe de um capital de 200 contos, pensando fazer um estabelecimento dotado de todo o conforto, e com ligação com o balneario por meio de uma galeria envidraçada.

Como estas thermas são as mais quentes do paiz, está naturalmente indicada a ligação directa do banho ao quarto sem que o banhista esteja sujeito ás correntes do ar.

A realização d'este importante beneficio vem encarecer o já afamado valor das Thermas de S. Pedro do Sul.

MUSEUS

PATENTES EM LISBOA

MUSEU DE ARTE ANTIGA, as Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, as quintas feiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados que está fechado.

MUSEU ANTROPOLOGICO E GALLERIA DE GEOLOGIA. Academia de Sciencias, todos os dias, precedendo licença, das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

MUSEU ARQUEOLOGICO. Largo do Carmo, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhado até 6 senhoras), \$20; crianças gratis.

MUSEU DE ARTILHARIA, largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

MUSEU D'ARTE contemporanea. Edificio da Bibliotheca Publica.

MUSEU BORDALO PINHEIRO, Parque do Campo Grande (lado oriental), aberto aos domingos. Entrada \$10.

MUSEU DOS COCHES. Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ, Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusive domingos, só se exceptuando as segundas-feiras e os dias de gala.

MUSEU DE HISTORIA NATURAL, Escola Politecnica, quintas feiras, 10 ás 16, outros dias, licença especial.

MUSEU NUMISMATICO, Bibliotheca Publica, todos os dias uteis, 12 ás 16.

MUSEU PEDAGOGICO. Poço Novo, 1, Escola Rodrigues Sampaio, todas as feiras, nos meses de agosto e setembro. Nos outros meses, com licença do director.

MUSEU DO TESOURO DA CAPELA DE S. JOAO BAPTISTA, na Misericórdia ultimos domingos de cada mez, 12 ás 15,30 outros dias, licença especial.